
HOMOSSEXUALIDADE: PROCESSO DE REVELAÇÃO DA SEXUALIDADE UMA EXPERIÊNCIA HOMOSSEXUAL*

LUZIANE MENDES BENTO, MARIA ELIANE LIÉGIO MATÃO

Resumo: o conhecimento da homossexualidade de uma pessoa, na maioria das vezes, causa mal-estar às outras. Descrever o processo de revelação da sexualidade numa experiência homossexual. Trata-se de estudo de caso com análise descritiva. Enfocado desde a percepção da homossexualidade e todo o desenrolar até a revelação. Carinho e compreensão dominam o relacionamento do caso exposto.

Palavras-chave: Homossexualidade. Sexualidade. Preconceito sexual.

Sexo se identifica por aspectos anátomo-fisiológicos existentes entre homens e mulheres. É dado como uma construção natural embriológica, visualizado por características físicas, biológicas dos seres humanos, as quais os definem como machos ou fêmeas. Assim, são reconhecidas a partir do nascimento da pessoa diretamente ao mirar os genitais do recém-nascido, na maioria dos casos (SCOTT, 1990; GÓMEZ, 2002).

Ao contrário de sexo, a sexualidade é adquirida conforme a experiência da pessoa em seu contexto geral. É resultado da interação de fatores biológicos, psicológicos, sócios econômicos, culturais, éticos e religiosos ou espirituais. Influenciam pensamentos, sentimentos, ações, interações, com reflexo direto na saúde física e mental da pessoa. Assim, se traduz no conjunto de características sociais, culturais, políticas, psicológicas, jurídicas e econômicas atribuídas à pessoa, independente do sexo (NUNES, 2005).

Há décadas a expressão gênero começou a ser utilizada justamente para marcar as diferenças entre homens e mulheres não apenas de ordem física e biológica. Como não existe natureza humana fora da cultura, a diferença sexual anatômica não pode mais ser pensada de modo isolado. Refere-se às diferentes relações existentes entre mulheres e homens, para as quais existem desigualdades, e fazem com que um tenha mais poder sobre outros na sociedade (SCOTT, 1990; CURADO, 2008).

O termo gênero é usado para falar de aspectos comportamentais e psicológicos, passa a ser utilizado para referir-se ao psicossocial que são considerados como sendo adequados a indivíduos de cada grupo sexual. Identidade de gênero é um conjunto formado por crenças, atitudes do indivíduo e que possui ligações com seus antecedentes psico-bio-social. Refere-se como às pessoas são sexualmente representadas em sua sociedade (SCOTT, 1995; CURADO, 2008).

Desse modo, a construção da identidade de gênero se dá pela união dos aspectos femininos e masculinos da própria personalidade do indivíduo, onde se incluem a percepção da identidade sexual e o julgamento crítico das implicações dessa realidade cultural. Podem concluir que as bases referentes a essas diferenças apoiam-se nos conceitos de masculinidade e feminilidade (D'AMORIN, 1989; BARBERO, 2003).

Como visto, a sexualidade está presente desde o nascimento, mas para muitos tem seu início na adolescência. Isso se explica porque é neste período que ocorre a transição entre uma fase e outra. Nas etapas seguintes, via de regra, jovem, adulto e idoso, o desenvolvimento humano, não apresenta momentos de modificações radicais, a evolução é gradual e contínua (FOUCAULT, 1997; MADLENER, DINIS, 2007).

Ribeiro (2004) reafirma que a sexualidade humana está relacionada aos sentimentos, atitudes e percepções relacionadas à vida sexual e afetiva das pessoas. Assim, como um conjunto de concepções culturais, a sexualidade extrapola o conceito de genitalidade, pois abrange também as práticas sociais, os costumes diversos e as ideologias relacionadas a essas práticas.

Freud (1905; 1996) foi o primeiro a afirmar que as crianças também têm uma sexualidade. Segundo ele, o desenvolvimento sexual da pessoa, assim como o físico, se dá de modo fisiológico em fases. Estas variam conforme a idade, por períodos; em cada um deles diferentes regiões do corpo estão envolvidas. A primeira fase do desenvolvimento é a oral, se estende do nascimento a um ano de idade. O ponto de tensão e gratificação é a boca, a língua e os lábios, inclui morder e sugar. A segunda é a anal, vai de 2 a 4 anos, ânus e áreas vizinhas são a maior fonte de interesse, propiciam aquisição de controle voluntário de esfíncter. A próxima é a fálica, de 4 a 6 anos, cujo foco de interesse são os órgãos genitais.

Em seguida, vem o período de latência, dos 6 aos 11 anos, é um estado de relativa inatividade. As pulsões sexuais estão voltadas para os objetivos mais apropriados socialmente, como a formação do superego, estrutura psíquica da mente responsável pelo desenvolvimento moral e ético, inclusive a consciência. A última fase é a genital, dos 11 aos 12 anos em diante, corresponde ao estágio final do desenvolvimento sexual de uma pessoa. Começa com a puberdade e a partir de então, capacidade para a verdadeira intimidade (FREUD, 1905; 1996).

A homossexualidade na psicologia freudiana é visto com base em um elemento que cada ser humano tem desde sua concepção. Esse elemento é chamado de homossexualidade inata que cada indivíduo teria, nas fases iniciais do desenvolvimento da personalidade, uma ambivalência sexual. O desenvolvimento normal da personalidade levaria o indivíduo à heterossexualidade, sendo a homossexualidade distúrbios intrapsíquicos, caracterizada, então, como problema, algo patológico (FREUD, 1905; 1996).

O exercício da sexualidade tradicionalmente aceito, em geral, é o heterossexual. Heterossexual é o indivíduo que sente atração sexual pelo sexo oposto. Entretanto,

existem outros tipos de orientação sexual, os quais a sociedade recusa como normalidade. Na verdade, homossexual é muito mais do que a orientação sexual por pessoas do mesmo sexo. É uma expressão natural da sexualidade humana e, por isso, envolve também afetividade e relacionamentos. Bissexual consiste na atração física ou emocional por pessoas tanto do mesmo sexo quanto do sexo oposto (COSTA, 1994; LOURO, 2004; MAIA, 2010).

A prática homossexual, não é algo novo no comportamento humano. Sabe-se que sempre esteve presente em toda a história da humanidade, em diferentes sociedades e culturas, inclusive nas civilizações antigas. Em Roma, a prática homossexual era aceita e praticada com naturalidade. Foi na Grécia que a homossexualidade ganhou mais ênfase, manifestando-se com mais expressividade. Além de estar relacionada com a religião e a carreira militar, estava incluída na mente e físico do indivíduo. Muitos a consideravam mais digno do que o relacionamento heterossexual. Era apresentada como um comportamento normal, sem nenhum constrangimento, preconceito ou discriminação (BRITO, 2000; NUNES, 2005; LOURO, 2004).

Em geral, as sociedades tendem a determinar os padrões que são aceitos como de normalidade. A partir disso, as pessoas são ensinadas, ensinam e acreditam em tais modelos como expressão de verdade única. No âmbito da sexualidade, como já dito, a normalidade é a heterossexualidade, e as demais manifestações são tidas como anormais (BARBERO, 2003).

A homossexualidade pode decorrer da articulação dos mencionados fatores histórico-sociais e culturais e fatores psicológicos. Há destaque para o processo de identificação, que resulta no desejo de se vincular emocional e sexualmente a alguém do mesmo sexo (MORGADO, 2002). Ao homossexual é dado direito de existir, mas dentro de determinados limites. Ele pode deixar de se enquadrar nos padrões heterossexuais, mas não tem a liberdade de construir a própria sexualidade vivenciando, explicitamente, comportamentos ditos aos homossexuais, direito este que ainda não conquistou socialmente (ASSIS, 2005).

Com o tempo, a homossexualidade começou a sofrer fortes repressões. Passou a ser vista como uma perversão, uma anomalia psicológica, até mesmo um crime. A sociedade começou a reprimir com toda força a prática homossexual considerada uma ameaça à ordem social. A igreja também contribuiu para impregnar preconceito e discriminação aos homossexuais, avaliados como verdadeiros absurdos da natureza (RIBEIRO, 2004).

A discriminação é o ato de considerar certas características que uma pessoa tem, são motivos para que seus direitos sejam reconhecidos e exercidos. Sempre um problema enfrentado pelos homossexuais. Na Idade Média a situação se alterou, surgindo um discurso moralista que condenava e punia todas as práticas homossexuais, com penitências e mesmo com a morte. Essas intolerâncias se percutiram por séculos (MENDES, 2007). Ao longo do tempo, a homossexualidade, continuou associada à doença, perversão e/ou criminalidade. Dados históricos revelam como as constantes mudanças sociais marcaram o preconceito contra os homossexuais. Estes são fortemente discriminados e têm seus direitos humanos violados, em todos os setores da sociedade (RIBEIRO, 2004).

Com a ciência e seus avanços, a partir do Século XX foi refutada a ideia de homossexuais como pessoas doentes e o termo homossexualismo passou a ser inadequado proibido em laudos científicos. Com os estudos e o crescente interesse de pesquisadores e cientistas pela sexualidade humana, passou a ser considerada como opção. Ao mes-

mo tempo surgiram outros grupos ativistas de gays e lésbicas em luta pelos direitos e contra o preconceito. No início do século XXI, passou a ser interpretada como gênero (TESON, 1989; RIBEIRO, 2004).

Em 1973, a homossexualidade deixou de ser classificada como doença, desvio ou perversão pela Associação Americana de Psiquiatria (APA). Pouco depois, foi retirada da Classificação Internacional de Doenças CID 10 (OMS, 1983). No Brasil, deixou de ser considerada como desvio somente em 1985, quando o Conselho Federal de Medicina passou do código 302.0 que diagnosticava como desvio e transtorno sexual para o código 206.9 que associava as outras circunstâncias psicossociais. Desde então, passou a ser entendida e considerada como uma das muitas manifestações saudáveis da sexualidade humana (NUNAM, 2003).

Entretanto, mesmo assim, ainda fazem parte do cotidiano dos homossexuais muitos preconceito e discriminação. A sociedade suscita tais comportamentos de modo recorrente, apesar de nega-las, quando se depara com um relacionamento entre homem e homem ou mulher com mulher. O estigma e a discriminação continuam forças poderosas verificadas no meio social (LOURO, 2004).

Segundo o Conselho Nacional de Combate à Discriminação (BRASIL, 2004), o Brasil tem milhões de brasileiros que, ainda, não têm seus direitos plenamente assegurados. Os gays, as lésbicas, os travestis, os bissexuais e os transexuais brasileiros, que não conseguem expressar sua orientação sexual de maneira livre, sem sofrer preconceitos, apesar dos direitos que lhes garantam constituir relações estáveis e protegidas juridicamente.

Um dos maiores, problemas enfrentados pelos homossexuais é a sociedade em geral. O medo habita nas pessoas devido ao preconceito existente. Muitos deles vivem durante anos a esconderem a sua orientação sexual devido ao medo que têm da reação dos amigos e familiares, ou até mesmo, porque não se sentem bem com o fato, uma vez que toda educação social está virada para a heterossexualidade. A única explicação, normalmente, é que homens devem gostar de mulheres e vice-versa (EL GÊBÊTÊ, 2003). Ainda assim, apesar dos avanços já conquistados, a revelação, em geral, é muito difícil. Manifestar-se a cerca de sua orientação sexual é um passo muito importante e que requer amadurecimento de ambos, aquele que conta e do escuta. A dificuldade em assumir-se inicialmente, quando o/a homossexual se percebe, não costuma comunicar isso diretamente aos pais. Essa é vista como uma revelação muito penosa, cercada pelo temor da rejeição, que cerca esse processo que acaba por vir a confirmar a suspeita (BARBERO, 2003).

Conforme Barbero (2003), quando alguém resolve contar essa particularidade, retira das costas o peso da enganação, mas nem sempre será bem recebido. Para o autor, a preocupação dos homossexuais continua no processo de revelação, principalmente com os pais que, em geral, são os últimos a saberem, os quais recebem a “notícia” de forma não muito favorável. Quando descobrem é por outras pessoas, ou até presenciando uma intimidade do/a filho/a com parceiro(a) do mesmo sexo.

Os homossexuais lutam com a dúvida, a vergonha e o medo, antes de se abrirem com seus pais. Estes por sua vez, quando descobrem, resistem com os códigos de conduta recebidos da família, da religião, da convivência em comunidade e que devem ser vividos como verdades naturais inquestionáveis. Os pais, diante da revelação dos

filhos, ou conhecimento do fato por terceiros, tendem a buscar ajuda em recursos convencionais, como na psicologia, na medicina ou mesmo deixa para a escola encontrar uma alternativa (GOLEMAN, 1995; MODESTO, 2008).

A homossexualidade do filho não é um assunto tratado espontaneamente no seio das famílias. Poucos são os pais que desde cedo percebem e respeitam a orientação sexual dos mesmos. Menos ainda são aqueles que os procuram pra conversar com a maturidade que se exige para tratar essa questão. Filhos provindos de lares ajustados têm maiores chances de serem aceitos por seus pais (GOLEMAN, 1995; MODESTO, 2008).

Em razão da falta de aceitação, ainda hoje no Brasil, os homossexuais não têm seus direitos assegurados. Não conseguem expressar sua orientação sexual de maneira livre, sem preconceitos. Apesar de não ter leis que os protejam da discriminação ou que garanta a possibilidade de construir relações estáveis. Entretanto, a maioria dos brasileiros assiste, passivamente, cenas diárias de discriminação e, até, de violência física, que envolvem os homossexuais. Segundo dados divulgados pelo Grupo Gay da Bahia, a cada dois dias um é, barbaramente, assassinado no Brasil. Este fato, que chama a atenção de organismos internacionais de Direitos Humanos, consagra o Brasil na condição de líder no *ranking* em violência contra o segmento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais - ABGLT (MOTT, 2006).

Jovens homossexuais quando não assumidos, significativamente, sentem-se vulneráveis e inferiores. Existem vários motivos para que mantenham escondidas a sua orientação sexual. Muitos têm medo de perder os amigos, a família, de serem expulsos de casa, da violência física e psicológica que possam existir na rua ou mesmo por parte de pessoas queridas, e da discriminação em geral. A família que deveria ser o maior auxílio deles, muitas vezes, é a maior fonte de desestabilização (EL GÊBÊTÊ, 2003).

Segundo Mott (2003), a homossexualidade está presente em cerca de 10% da população ocidental. Independente de seu quantitativo, trata-se de seres humanos com seus direitos naturais. No Brasil, provavelmente, após a publicação da lei conhecida como Lei da União Estável, os relacionamentos afetivos homossexuais, encontraram solução para vários problemas referentes ao Direito de Família.

OBJETIVO

Descrever o processo de revelação da sexualidade numa experiência homossexual.

CAMINHO METODOLÓGICO

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo exploratório, descritivo com abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. A partir da visão subjetiva do indivíduo, tenta esclarecer situações vividas decorrente da experiência homossexual. Foi realizada entrevista aberta em profundidade com indivíduo, idade superior a 18 anos, sexo masculino e universitário.

O conteúdo teve análise Estrutural de Narração, realizada a partir da desconstrução e reconstrução da narrativa, adotando-se os critérios estabelecidos por Demazière e Dubar (1997), fundamentada em Greimas (1917; 1986) e Barthes (1985; 2001). Para viabilizar

o processo, após a transcrição do conteúdo, foram realizadas as leituras individuais para identificação das sequências, fatos, justificativas e personagens referenciados. Considera-se que que por mais completa que seja uma análise ao conjunto horizontal do discurso, para ser eficiente, faz-se necessário realizá-la verticalmente, uma vez que “o sentido não está “no fim” da narrativa, ele a perpassa”(BARTHES, 2001, p. 112). Segundo Derrida (2001) existe a necessidade de surpreender, num texto, os elementos que escapam á intencionalidade do autor, pois nele há, também, as forças que desatam estes elementos, que os desarticulam, enfim, dizem ou não mais do que pretendia dizer. Com o intuito de preservar sua identidade, infligir o anonimato e privacidade, o sujeito foi renomeado para Jorginho.

RESULTADOS

Este estudo foi realizado a partir de entrevista com rapaz de 30 anos de idade, universitário do curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. É católico, no entanto frequenta pouco a igreja, hoje em dia. Mora em residência alugada, trabalha na área de marketing. Foi criado pelos pais, faz musculação, tem acesso à *internet* diariamente. Há cinco anos vive em união estável com o companheiro.

A história de Jorginho se assemelha a de muitos outros rapazes, alguns próximos e outros mais distantes. Desde a infância, não se percebe igual às crianças de seu convívio, conforme se verifica a seguir:

Acredito que desde quando eu me entendo por gente já percebia que era diferente dos meus colegas, até comentava com eles. Isso começou quando meus colegas viam as meninas e comentavam, eles ficavam excitados.

Como visto, desde muito cedo, começou a se notar diferente dos seus amigos, mais especificamente quanto sua sexualidade:

Quando estava na adolescência meus colegas levaram umas revistas pornográficas para a escola, nessa época eu tinha uns 10 anos de idade, todos eles vendo as mulheres nus ficavam excitados, eu via e ficava normal, e não sentia nada. [Jorginho se justifica]: eu gostava mais das revistas explícitas, quando via revistas de homens nus, sentia algo diferente e ficava excitado.

Então, desde o início da adolescência percebia que não estava em conformidade com os demais colegas, como se lê no trecho seguinte:

Percebia que o corpo masculino me atraía, enquanto que as revistas de mulheres só me excitavam por causa dos meus amigos que estavam excitados. Comecei a me preocupar, pois gostava do corpo masculino.

Preocupado, tentou se moldar ao perfil de homem predeterminado pela sociedade, ou seja, com estereótipo masculino, possivelmente em busca de manter convívio social e respeito das pessoas, conforme o próximo trecho:

Gostei de meninas [explica Jorginho]! Acho que por causa até mesmo da sociedade. Quando fazia a 5ª série... eu até que tentava namorar as meninas, mulheres. Porque achava que era o certo. Até mesmo pelos indícios da vida, convivência e vem de berço. Tive algumas namoradas, respeitava, mas atrapalhava um pouco a sair com os rapazes.

Encontrou como alternativa para submergir sua homossexualidade tornar-se religioso, conforme relata:

Aos 19 anos de idade fui para o seminário ser seminarista. Fiquei durante 6 anos, sai com 26 anos. O seminário era em Paracatu onde eu morava. As experiências [homossexuais] foram durante o tempo que estava no seminário, não ocorreu dentro do seminário, pelo contrário do que dizem de prostituição e putaria dentro do seminário. Quem me ajudou a libertar, foi um diretor espiritual, pra quem contei toda a minha experiência. Ele foi um pai para mim naquele momento!

O tempo no seminário só ajudou Jorginho a enfrentar suas dificuldades no campo da sexualidade:

... Ele [O diretor espiritual] me respondeu: se quiser ser curado, peça a Deus a sua humanidade e não para mudar a sua sexualidade. Se fosse mudar teria que mudar suas raízes. Ele me disse uma coisa que nunca esqueci: o dia que você tiver coragem de chegar de frente a um espelho e dizer: eu sou gay, aí sim está pronto e será um verdadeiro homem.

Então, após anos a primeira experiência sexual aconteceu:

Foi aos 21 anos que tive minha primeira experiência homossexual. Foi com um amigo que eu gostava muito, e que já nos conhecíamos há mais ou menos uns quatro anos. Esse amigo foi o primeiro que pude falar sobre homossexualidade, desejos e prazeres. Estávamos numa festa de réveillon, tudo aconteceu numa naturalidade! Algo muito intenso, que não tinha sentido antes com nenhuma mulher.

Compartilhar com alguém e viver livremente a experiência homossexual propiciou também importante processo de reflexão, como é possível a detecção pela leitura próxima:

Foi a primeira vez que conversei com alguém sobre o assunto, algo que já trazia comigo de muito tempo. Na primeira vez que ocorreu minha relação com outro homem, ficava me perguntando: Por que tem que ser assim? Ficava me privando da realidade! Só com o tempo comecei a me aceitar; às vezes, até hoje ainda fico a pensar.

As pessoas com maior identificação passaram a participar de seu relacionamento cotidiano:

Com os meus amigos sempre tive um bom relacionamento, às vezes, eles até faziam algumas piadinhas do tipo: o seu gay, o viadinho. Sempre tive um bom relacionamento. Foi aí que começamos a conversar e compartilhar nossa realidade, fomos percebendo nosso ciclo de amizade, percebendo que nossos amigos também tinham medo e vergonha de falar sobre o assunto.

No grupo de amigos, a sexualidade de cada um passou a ser exposta com naturalidade:

A partir daí que começamos a sentar para conversar e compartilhar nosso segredo; passamos a ser como irmãos. Meus amigos mantiveram sempre com muito respeito, até porque 90% pensavam iguais a mim... Porque colegas, amigos passam.

A revelação de sua sexualidade para a mãe foi de forma indireta, como se apreende a partir da leitura que se segue:

Depois de abrir com os amigos era a vez dos pais. Uma parte difícil! Só falei para minha mãe, porque ela perguntou. Eu tinha um amigo que só andávamos juntos e ele era gay. Um dia minha mãe me perguntou se ele era gay, eu disse que era. Aí ela me perguntou por que da amizade com ele, simplesmente respondi: Porque penso igual a ele. Minha mãe preocupada perguntou: e seus amigos? O que vão pensar de você? Eu disse: já me conhecem e 90% pensam da mesma forma que eu. No mesmo dia, como de costume, saí a noite com meus amigos, ela me ligava de 10 em 10 minutos, perguntando: onde estava e com quem estava? Foi aí que senti que ela estava preocupada.

Em seguida, aconteceu o momento das perguntas por parte de sua mãe:

Nunca falei antes [Justifica Jorginho], porque é uma coisa minha. Mãe conhece o filho que tem. Fui muito tranquilo e aberto com ela! Na mesma semana, ela muito curiosa, como a maioria das pessoas, me perguntou: quem era o homem, quem era a mulher? Eu respondi!

De imediato, o resultado da conversa franca não passou da expressão de ambos quanto ao entendimento limitado acerca da questão:

Minha mãe me diz: não entendo isso! Eu disse: Eu também não, mas gosto!

Em seguida, Jorginho busca uma argumentação:

Amo não por sexo, mas sim é uma ligação muito grande. Quando brigamos dói, machuca! Nos importamos um com o outro por gostarmos, respeitamos e nos sentimos bem um com o outro. Quem escolhe meus parceiros sou eu, seja homem ou mulher.

Referente ao conhecimento de sua sexualidade por parte do pai, Jorginho explica que não houve, de fato, revelação explícita:

Meu pai, [...] não falei nada. Explica-se Jorginho: até porque acho que minha mãe deve ter contado a ele. Ele me trata normalmente, vem aqui em casa, sabe que moro com um rapaz. São bem tranquilos, não mudou a aceitação, acho que viraram mais família, pois não tenho nada para esconder.

Por parte dos irmãos, não deixa claro como foi a revelação de sua homossexualidade:

Meus irmãos são muitos tranquilos nunca tive rejeição. Até brincam quando me ligam: tá com alguma pegação, homem ou mulher? Só minha irmã que acha que deve ser homem com mulher e mulher com homem, mas já que é assim tudo bem.

Esclarece o saldo positivo conquistado no meio familiar:

... Enfim, com a minha família não sei se aceitam, mas respeitam. Mas, acima de tudo o mais importante é a família, acho que pelo respeito e apoio. Mas a família é para sempre, nesse ponto eu fui privilegiado.

No ambiente de trabalho, sempre que havia oportunidade, de algum modo, manifestava sua orientação sexual:

No trabalho sempre vem o receio, o medo das pessoas de não aceitarem. Eu não precisei falar com ninguém, mas a conversa entre um e outro, no dia a dia, quando tocavam no assunto, aproveitava a oportunidade e dizia: não tenho uma namorada, mas sim um namorado.

Por vezes, se depara com um ou outro surpreso quando conhecida a sua preferência sexual:

Então, sempre havia a surpresa de alguns, mas acho que, às vezes, por ser meio camuflado e não deixar transparecer tanto, e de fato tentar manter a discrição por medo de ser excluído do grupo. Às vezes, eles perguntam: por que não disse antes? Acho que não precisa ser exposta a sexualidade a ninguém... Agora entre quatro paredes sim.

Junto aos colegas acadêmicos sente-se muito a vontade para se expressar como homossexual:

Na faculdade acho que é mais tranquilo! Até pelo curso, por ter um grande número de homossexuais. Foi mais fácil de falar e manter este lado homossexual. Os amigos respeitam, não tem nada contra. São pessoas abertas, flexíveis dentro do grupo, bom não sei em outras áreas.

Sua experiência em serviços de saúde foi positiva, conforme se apreende com a leitura do fragmento que se segue:

Nunca tive nenhum problema em nenhum tipo de órgão de saúde. Há mais ou menos uns cinco anos fui fazer o teste de aids, foi tranquilo! Não teve nenhum questionamento, me deram preservativos e orientações.

No seu círculo de convivência nunca foi vítima de atitudes ameaçadoras ou preconceituosas, mas demonstra percepção da realidade:

Nunca sofri nenhum tipo de homofobia. De forma geral, entre família e amigos nunca tive nenhum tipo de discriminação. A não ser por traz, que não deixam de falar. A seguir, traça um breve comentário reflexivo:

O erro da sociedade é achar que o gayquer ser mulher. Eu me acho um pouco afeminado, mas todos dizem que não apresento ser, não parece comigo. Quando o homem é muito afeminado são mais criticados. Acho que por isso nunca sofri nenhum tipo de preconceito. Ter que falar para alguém não é importante, mas sim o que somos ou o que é. Para os outros é secundário, é consequência. Acho que falar com alguém sobre desejo é relativo.

Ao focar a temática união estável, Jorginho apresenta sua maior preocupação:

A influência cristã pesou muito! Mas já me libertei um pouco, até mesmo pela aceitação de algumas igrejas. Acredito que a única preocupação é com a igreja. Jorginho se explica: Mas quando se trata de união estável, pesa a consciência, não sei até que ponto, mas já me libertei um pouco... Já convivo há 5 anos com meu parceiro.

Termina por idealizar espaços e ambientes públicos:

Só acho que o fato de ser homossexual não é querer ser mulherzinha. Nós queremos é um homem do nosso lado. ... Gostaria que pudéssemos andar de mãos dadas, abraçar e beijar. Se chegar a algum lugar de mãos dadas, somos barrados e pedem para nos afastar um do outro. Para não correr este constrangimento, agimos normalmente como amigos.

DISCUSSÃO

Do relato obtido, facilmente pode-se perceber que o participante teve criação segundo os fundamentos tradicionais e estruturadores do ideário de família. A presença dos pais representados no casal heterossexual a desempenhar funções seculares atribuídas aos mesmos, no caso, homem-mulher com filhos a educá-los segundo valores religiosos, com oportunidade para estudo e lazer social e culturalmente determinados para cada gênero (FOUCAULT, 1997; SANTOS, 2004; LOUIS, 2006).

Possivelmente, o perfil apresentado por Jorginho não seja exatamente o esperado para o filho. Inegavelmente, o caso aqui retratado se assemelha a inúmeros outros inte-

grantes da população nacional, visto que o Brasil registra mais de 60 mil pessoas vivendo com parceiros do mesmo sexo, conforme dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com base no Censo 2010 (VIEIRA, 2012).

Independente do sexo biológico, nos primeiros anos de vida, em ambos os casos, a criança aprende a reprimir sua sexualidade. Nesse âmbito, desde muito cedo é vítima de toda sorte de repressão, inclusive questões de ordem mais superficiais e de curiosidade relativas aos próprios órgãos sexuais. Justifica-se ou explicam tal comportamento, mais que isso induzem o controle físico dos desejos, o conjunto de fatores culturais, sociais, e históricos. Aceitar e assumir a própria orientação sexual é importante para que a pessoa se sinta bem consigo. Não é um processo fácil e nunca está acabado, é algo contínuo e exige coragem para enfrentar todo um histórico sociocultural e familiar de aceitação irrestrita à heterossexualidade (COSTA, 1994; EL GÊBÊTÊ, 2003; SANTOS, 2004).

No seu processo inicial de auto descoberta sentiu culpa e vergonha, o que o levou a tentar condenar seus desejos ao silêncio. Então, na tentativa de se adaptar ao meio social e se enquadrar no perfil aceito pela sociedade, e assim evitar preconceito e discriminação, tentou relacionar-se de forma heterossexual, mas não conseguiu continuidade. A educação repassada para as crianças é que a heterossexualidade é o normal, assim contribui para cristalização desse pensamento no meio social (EL GÊBÊTÊ, 2003).

Tentou anular sua sexualidade refugiando-se na igreja católica. A religião professada por ele, em seus documentos doutrinários, define a vivência homossexual como constitutivamente pecaminosa e contesta a legitimidade da reivindicação de direitos conjugais e parentais para lésbicas e gays, além de defender a justiça da discriminação por orientação sexual em outras instâncias sociais. A partir de uma concepção de amor e de família naturalista, fundada na complementaridade dos sexos e dos gêneros e no imperativo da associação entre conjugalidade, sexualidade e reprodução, a igreja católica nega que a liberdade de orientação sexual seja um direito humano, advogando a tese de que os homossexuais devem manter-se celibatários ou ingressar, se possível for, no universo da conjugalidade heterossexual (MELLO, 2005).

A religião tem para os seres humanos uma importância significativa na direção cotidiana da vida. Não se pode ignorar que exerceu, e ainda tem alguma influência sobre o comportamento sexual das pessoas. Apesar disso, o levantamento feito pelo instituto é riquíssimo. Ele diz que mais da metade dos casais homossexuais brasileiros são católicos (MELLO, 2005).

Apesar de não ter verbalizado a sua sexualidade aos pais, eles notaram pela convivência do ciclo de amizade. Embora com os avanços já conquistados, a revelação, em geral, é muito difícil. Manifestar-se acerca de sua orientação sexual é um passo muito importante e que requer amadurecimento. A dificuldade em assumir-se inicialmente, quando o/a homossexual se percebe, não costuma comunicar isso diretamente aos pais. Essa é vista como uma revelação muito intensa, cercada pelo temor da rejeição (BARBERO, 2003; EL GÊBÊTÊ, 2003).

Para Barbero (2003), quando alguém resolve contar essa particularidade, retira das costas o peso da enganação, a preocupação dos homossexuais continua no processo de revelação, principalmente com os pais que, em geral, são os últimos a saberem, os quais recebem a “notícia” de forma não muito favorável. Para Jorginho a revelação de

sua sexualidade para a mãe foi indireta, só porque ela a perguntou. A mãe preocupava com o que as pessoas poderiam pensar dele, por ser uma família clássica. Mas a família tem conhecimento, tranquila e harmônica.

Sensibilidade materna, de uma família tradicional, que desde o início procurou o filho para sanar dúvidas, quando da percepção de algo relativo à sua sexualidade. Segundo Goleman (1995), a homossexualidade do filho não é um assunto tratado espontaneamente no seio da família. Poucos são os pais que procuram os filhos para conversar com a maturidade que se exige para tratar de questões pessoais e delicadas como a sexualidade. Filhos provindos de lares ajustados têm maiores chances de serem aceitos por seus pais.

Por ser um assunto que tem suscitado bastante polêmica cercado de preconceito e por isso mesmo deve ser mantido o diálogo. A homossexualidade sempre existiu desde os primórdios e, depois de um longo período de perseguição e brutal restrição, hoje a sociedade já convive bem com esse fato social que não é novo, sendo sua aceitação progressiva. Apesar disso, há muito para que o preconceito fique para trás e que a sociedade, enfim, possa olhar os fatos e contorno que eles efetivamente apresentam, sem discriminação (DIAS, 2004).

Diante da experiência do sujeito, pode-se dizer que, aparentemente, o mesmo não sofreu nenhum tipo de manifestação preconceituosa como a maioria das experiências de outros homossexuais. Percebida como anormalidade, durante anos, condenada como doença, vício, crime e pecado. atualmente deixou de ser considerada como um problema mental. A decisão, em 1973, da Associação dos psiquiatras americanos de retirá-la da lista das doenças mentais. Entretanto, até 1975, as sociedades de psicanálise não aceitavam homossexuais. Em 1983 a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da lista das doenças, o que contribuiu para aceitação e apoio familiar, lastros fundamentais para enfrentar o cotidiano (MOTT, 2003; MOTT, 2006).

A revelação da homossexualidade de Jorginho foi de forma passiva, apesar de certo constrangimento, aproveita as oportunidades para reafirmar sua preferência sexual. A sociedade pressupõe automaticamente que todo mundo é heterossexual. A família, o trabalho, os amigos, a cultura em geral não aceitam algumas classes minoritárias, porque como a maioria das pessoas, está presa a estereótipos e preconceitos. Para ele foi extremamente difícil verbalizar e compartilhar sentimentos considerados proibidos. São os entraves encontrados para lidar com as diferenças dos padrões aceitos pela sociedade (SANTOS, 2004; MODESTO, 2008).

Na sociedade em geral, apesar da recente legislação que legitima, há dificuldade por parte da sociedade noreconhecimento das uniões afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Há cinco anos Jorginho vive em união estável com pessoa do mesmo sexo. No Brasil e no mundo, milhões de pessoas do mesmo sexo convivem em parcerias contínuas e duradouras, caracterizadas pelo afeto e pelo projeto de vida em comum. A aceitação social e o reconhecimento jurídico desse fato são relativamente recentes (BARROSO, 2007).

O caso estudado não se configura como regra, uma vez que os pais abriram mão do preconceito e acolheram o filho. Em geral, os pais veem a homossexualidade do filho como algo muito estranho e inexplicável. O preconceito desperta sensações negativas

e os deixam amedrontados e desconfiados. Medo que o filho seja maltratado, abusado, explorado. Ficam envergonhados, e por isso às vezes se isolam. E essa vergonha acompanha os pais ao longo de todo o longo processo de aceitação (MODESTO, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No extenso campo da sexualidade humana, a homossexualidade se revela como um tema carregado de preconceito falta de conhecimentos, e que, justamente por isso requer maior sensibilidade e respeito para com as pessoas que vivem esse contexto, afim de não fazer crítica e comentário subestimo acerca dos mesmos.

Este estudo proporcionou a aproximação com a realidade de um homossexual assumido, desde sua história de infância até os dias atuais, passando pelos conflitos subjetivos, familiares e sociais. A não aceitação da sexualidade pela sociedade em geral provoca discriminação na vivencia da homossexualidade.

Diante do processo de revelação de sua sexualidade, se declarou abertamente para os amigos. Tudo ocorreu de forma discreta, aos poucos as pessoas de seu convívio foram percebendo, alguns até questionavam a respeito dele nunca ter falado de sua sexualidade.

Buscou de tudo para se adaptar ao meio social e se enquadrar no perfil aceito pela sociedade evitando assim o preconceito e a discriminação. Mas a vida ensinou a ele a enfrentar os desafios da vida cotidiana, mesmo com a dificuldade de aceitação da população, nunca sofreu nenhum tipo de homofobia.

Conhecer um pouco da experiência sexual de Jorginho foi para me entender os paradigmas, das oposições das diferenças, afinal buscar o conhecimento para que tenhamos entendimento do assunto homossexualidade, no processo de revelação da sexualidade.

Pode-se dizer que carinho e compreensão dominam o relacionamento familiar do caso exposto, o que não se configura como regra, uma vez que os pais abriram mão do preconceito e acolheram o filho, concretamente, um comportamento pró ativo em favor de sua felicidade, em outras palavras, a escolha foi para que ele viva com felicidade convivendo, de fato.

HOMOSEXUALITY: SEXUALITY REVELATION PROCESS IN A HOMOSEXUAL EXPERIENCE

Abstract: knowledge of a person's homosexuality in most cases causes discomfort to other people. To describe the sexuality revelation process in a homosexual experience. case study with descriptive analysis. Approach from the perception of homosexuality and the entire process through revelation. Affection and understanding prevail in the relationship in the case at hand.

Keywords: Homosexuality. Sexuality. Sexual prejudice.

Referências

ASSIS Irma. Identidade, sexualidade e contemporaneidade. Instituto de Gestalt terapia. IGT na Rede.v. 2, n.3, 2005.

- BARBERO, Graciela Haydée. Homossexualidade e identidades diversas. O preconceito que as acompanha. In: *Pulsional - Revista de Psicanálise*. ano, XVI, n. 7. São Paulo: Editora Escuta, p. 27-36, 2003.
- BARROSO, Luís Roberto. Diferentes, mas iguais: o reconhecimento jurídico das relações homoafetivas no Brasil. *Revista Diálogo Jurídico*, Salvador, nº. 16, maio-junho-julho-agosto, 2007.
- BARTHES, Roland. *A Aventura semiótica*. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: M. Fontes, 2001. P. 339. (Trabalho original publicado em 1985).
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- BRITO, Fernanda de Almeida. União afetiva entre homossexuais e seus aspectos. São Paulo: LTr, p. 120, 2000.
- COSTA, Ronaldo Pampola. *Os 11 sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana*. 3ª ed, São Paulo: gente, 1994.
- CURADO, Jacy Corrêa. *Gênero e os sentidos do Trabalho Social*. Campo Grande: UCDB, 2008.
- D'AMORIN, Maria Alice. Papel de gênero e atitudes acerca da sexualidade. *Revista Psicologia, Teoria e Pesquisa*. 5a. ed., p. 71-83. Brasília, 1989.
- DEMAZIÈRE, Didier; DUBAR, Claude. *Analyses lês entretiensbiographiques, l'exemple de récits d'insertion*. Paris: Nathan, 1997. P. 350.
- DERRIDA, Jacques. A solidariedade dos seres vivos. Entrevista com Jacques Derrida por Evando Nascimento em 27.05.2001. Disponível em: <www.rubedo.psc.br/Entrevis/solivivo.htm>. Acesso em: 16.10.2003.
- DIAS, Maria Berenice. *Conversando sobre homoafetividade*. Porto Alegre: Livraria do Advogado. 2004.p. 19-20.
- EL GÊBÊTÊ. Sair do Armário? Assumir a tua homossexualidade ou bissexualidade. Número zero, junho, p. 2, 2003. Disponível em <http://ppamp.home.sapo.pt/Work.pdf> Acesso em 20/11/2012.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.
- FREUD, Sigmund, Strachey, James. Edição standard brasileira das obras de Sigmund Freud, v 24. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional: a teoria revolucionaria que redefine o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro. Objetiva, 1995.
- GÓMEZ, Zandra Pedrazct. Corpo, pessoa e ordem social. In: *Corpo & Cultura, Projeto História* n. 25. São Paulo, Educ, p.81-95, 2002.
- GREIMAS, Algirdas Julius. LANDOWSKI, Eric. *Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Tradução Cidmar T. pais. São Paulo: Global, 1986, p. 283.
- LOUIS, Marie Victoire. Diga-me: o que significa gênero? *Soc. Estado*. Brasília: Sept./Dec.2006, v. 21, n. 3, p. 711-724.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. *Rev. bras. educ. espec.* 2010, v.16, p. 159-176.
- MADLENER, Francis; DINIS, Nilson Fernandes. A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana. *Rev. Dep. Psicol.UFF*. 2007, v.19, n.1, p. 49-60.
- MENDES, S.M.F. Homossexualidade: A concepção de Michel Foucault em *Contra ponto ao conhecimento neurofisiológico do século XIX*. *Encontro Revista de Psicologia*. Vol. XI, n. 16, p. 249-262, 2007.

- MELLO, Luiz. Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. Cad. Pagu. 2005, n. 24, p. 197-225.
- MODESTO, Edith. Mãe Sempre Sabe? Mitos e verdades sobre pais e seus filhos homossexuais. Rio de Janeiro. Record, 2008.
- MORGADO, M. A. Da sedução na relação pedagógica: professor - aluno no embate com afetos inconscientes. São Paulo; Summus, 2002.
- MOTT, Luiz Roberto Barros. Matei porque odeio gay. Salvador: Grupo Gay da Bahia, v. 15, 2003.p.256.
- MOTT, Luiz. Homossexualidade: mitos e verdades. Salvador: GGB, 2006.
- NUNAN, Adriana. Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansaraí, 2003.p. 104
- NUNES, César Aparecido. Desvendando a Sexualidade. 6ª.ed. Campinas: Papyrus, p. 78, 2005.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). CID-10. Classificação Internacional de Doenças, 1983.
- RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. O professor como educador sexual: interligando formação e atuação profissional. In: RIBEIRO, P. R.M. (Org) Sexualidade e Educação: Aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 115-151.
- SANTOS, Elcio Nogueira. “Conto ou não conto?”- Os significados e os sentidos de tornar pública a orientação sexual homossexual para adolescentes masculinos da cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.
- SCOTT, Joan Wallch. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, jul/dez. v. 16, n. 2, 1990. p. 5,
- TESON, Nestor Eduardo. Fenomenologia da homossexualidade masculina. São Paulo: EDICON, 1989.
- VIEIRA, Isabela. IBGE identifica 60 mil casais gays no país. 2012. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-10-17/ibge-identifica-60-mil-casais-gays-no-pais> Acesso em 20/11/2012.

* Recebido em: 03.12.2012.
Aprovado em: 15.12.2012.

LUZIANE MENDES BENTO

Graduada em Enfermagem pela PUC Goiás. E-mail: luzianemb@gmail.com

MARIA ELIANE LIÉGIO MATÃO

Doutora em Psicologia pela PUC Goiás. Professora do Departamento de Enfermagem na PUC Goiás.
E-mail: liegio@ih.com.br